

Searching for the Truth: approaches between Descartes and WinnicottDaniela Valle Krieger¹Patrícia Coral Viegas²

Resumo: Este estudo buscou o diálogo sobre a Verdade, a partir de duas áreas afins do conhecimento, a Filosofia e a Psicanálise. O pensamento filosófico cartesiano, que nos alimentou teoricamente, propôs refletir sobre dois aspectos essenciais: a relação entre a verdade e o conhecimento; e, também, a distinção entre a verdade e a persuasão. Esses pressupostos teóricos foram naturalmente conversando com alguns conceitos winnicottianos, como “mãe suficientemente boa e mãe não suficientemente boa”, “integração da personalidade”, “independização” e “verdadeiro e falso self”. Dentre as argumentações filosóficas, há uma convergente com nossa prática clínica: temos que estar atentos às pretensas certezas, que frequentemente nos levam a caminhos tortuosos e doentios. Dessa forma, a investigação amorosa se faz necessária, e deve estar sempre presente na clínica da atualidade.

Palavras-chave: verdade; Descartes; Winnicott; clínica psicanalítica.

Abstract: This study try to dialogue about the Truth, from two related areas of knowledge, Philosophy and Psychoanalysis. The cartesian philosophical thought, fed us theoretically proposing the reflection on two key issues: the relationship between truth and knowledge, and also the distinction between truth and persuasion. These theoretical assumptions were correlated with some Winnicottian concepts such as "good enough mother and the not good enough mother", "personality integration," "self-independence" and "true and false self." Among the various philosophical arguments, there is one that is convergent with our clinical practice: we must take care with certainties that often lead us to the mistakes and sickness. Thus, careful research is needed, and must be present in the psicanalitic clinic and practice.

Keywords: truth; Descartes; Winnicott; psychoanalytic clinic.

Desde sua origem, a Psicanálise recorre à Filosofia para pensar seus constructos teóricos, a fim de compreender a complexidade da mente humana, imersa em conflitos,

¹ Psicóloga clínica; Mestranda em Psiquiatria pela UFRGS-RS; Especialista em Psicoterapia Psicanalítica do Adulto pelo Contemporâneo-RS; Supervisora de Estágio de Psicologia Clínica no Contemporâneo-RS; Psicóloga Perita do IGP-RS. E-mail: danikrieger@hotmail.com

² Psicóloga clínica; Mestre em Psicologia Clínica pela UNISINOS-RS; Especialista em Psicoterapia Psicanalítica da Infância e Adolescência pelo Contemporâneo-RS; Especialista em Psicanálise das Configurações Vinculares pelo Contemporâneo-RS; Supervisora de Estágio de Psicologia Clínica no Contemporâneo-RS; Supervisora de Estágio do Complexo Hospitalar Santa Casa de POA-RS; Professora do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica de Crianças e Adolescentes na UNISINOS-RS; Professora Adjunta dos Cursos de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica do Contemporâneo-RS. E-mail: patriciacviegas@hotmail.com

indagações existenciais e em busca da verdade. Afinal, o que é verdade? Essa questão sempre foi e continua sendo muito discutida na Filosofia e em Psicanálise, por diversos autores e através de diferentes perspectivas. Perguntas como: existe uma verdade universal, que possa ser considerada válida para todos os sujeitos ou somente verdades individuais, subjetivas, que só fazem sentido dentro da história de cada um? Ou ainda: onde buscar a verdade? A verdade se encontra nas crenças do paciente sobre si próprio, no saber do analista, ou ainda, no vínculo que une ambos - analista e paciente - na tarefa analítica? São muitas as dúvidas e indagações que surgem quando consideramos a verdade das pessoas e dentro do fazer e do pensar psicanalítico.

Nessa tortuosa busca, se faz necessário conhecer as idéias de Descartes. Muito conhecido pela idéia de dualidade entre corpo e mente, mais tarde revogada pela descoberta do Inconsciente, Descartes foi um filósofo que se preocupou também com os pilares sobre os quais está alicerçado o pensamento científico, entre eles, o conceito de verdade. A forma como o edifício do saber e da ciência é construído, ou pelo menos deveria ser, está exposto no seu famoso texto *Meditações Sobre a Filosofia Primeira* de 1641.

O projeto cartesiano, expresso pela passagem "Encontrar algo de firme e constante nas ciências [...]", é obrigatoriamente atravessado pela necessidade de encontrar uma verdade indubitável que sirva de base a um edifício científico mais sólido (DESCARTES, 1641)³. É essa tese que estará no horizonte durante toda essa exposição. E aqui já se faz importante uma primeira distinção: para que se possa compreender a argumentação cartesiana, precisamos ter em mente que o conceito de verdade está estreitamente ligado ao conceito de conhecimento. Porém, apesar de intimamente relacionados, deve-se ter cuidado para que os dois conceitos não sejam equiparados ou tomados como sinônimos. A relação aqui não é da ordem da identidade, antes, a existência da verdade parece ser independente da noção de conhecimento no seguinte sentido: é perfeitamente concebível que a verdade exista sem que dela se tenha conhecimento ou, em um segundo caso, também é possível que, acreditando que haja conhecimento, se alcance a verdade por mero acaso. Para ilustrar tais situações pode-se conceber, em primeiro lugar, um indivíduo que concebe algo verdadeiro sem, apesar disso, reconhecer esse algo como verdadeiro. E para exemplificar o segundo caso pode-se imaginar uma situação na qual a crença que algo é verdadeiro se dê por pura coincidência, como

³ Neste artigo optou-se por referenciar as citações com o ano da primeira edição das obras. As demais informações sobre as edições consultadas pelas autoras estão na lista de Referências.

quando, mesmo sem ter em mira o alvo, a flecha atinge o ponto certo ao acaso. Nesse caso, diríamos que a crença é verdadeira mas não se pode admitir que haja aí algum conhecimento. Esses dois exemplos, apesar de apresentados de forma não muito elaborada, ajudam a demonstrar a impossibilidade de equiparação entre conhecimento e verdade. Conhecimento e verdade não podem ser tomados como sinônimos e fica evidente que, para que se tenha conhecimento de algo, é necessário que algo mais esteja presente além da verdade.

A segunda distinção se torna importante para o esclarecimento de duas questões, qual sejam, uma verdade pode ser aceita por todos os seres humanos? Ou ainda, para que possa ser verdade ela precisa necessariamente ser aceita por todos os seres humanos? Essas indagações conduzem ao exame de duas noções centrais: verdade e persuasão. Elaborar a questão da aceitação da verdade nesses termos nos leva à imediata necessidade de investigar o papel da persuasão e do reconhecimento de algo como verdade. Recorrendo outra vez aos exemplos, é fácil observar que muitas vezes os indivíduos se convencem, são persuadidos de algo que não é verdadeiro, como é o caso de muitas crenças populares, tão comuns em alguns grupos.

Comumente recebemos no nosso consultório pacientes que, impregnados pelo desejo do outro, não reconhecem seus desejos como alheios, acreditando fortemente que eles sejam parte de sua natureza mais íntima. Por outro lado, também é fácil notar que outras tantas vezes os indivíduos não se deixam convencer, ou seja, se recusam a aceitar algo que é verdadeiro, como quando oferecemos uma interpretação sobre conteúdos inconscientes, que são prontamente recusados pelo paciente. Esses exemplos simples que fazem parte da prática do analista são suficientes para traçar um panorama entre verdade e persuasão.

Não é o fato de os indivíduos acreditarem ou não em algo que o torna verdadeiro já que o valor de verdade de determinada proposição não está contido no quão acreditada ela seja. Já a persuasão enquanto forma de convencimento e de aceitação de uma determinada proposição não mantém relação direta e nem necessária com a verdade, podendo por vezes acompanhar a falsidade. A persuasão diz respeito somente a crença do indivíduo, não possuindo dessa forma, valor enquanto prova da verdade de algo. Persuadir não é provar. A falta de identidade entre persuasão e verdade vai ser essencial pois terá como consequência o seguinte e principal problema: que garantias tenho eu para concluir que as coisas do mundo são tais como eu as concebo em minha mente (são tal e qual minha crença)?

A distinção entre crença e conhecimento também é fundamental para a primeira etapa do projeto cartesiano. É com base na diferenciação dos dois conceitos que Descartes (1641; 1637) propõe que, na busca pela verdade, o primeiro passo seja destruir tudo e começar de novo desde os fundamentos. Essa desconstrução necessária, realizada diariamente na clínica psicanalítica, tende a repensar as crenças, no sentido cartesiano, desadaptativas do sujeito a fim de se reconstruir a estruturação de self com bases mais sólidas, menos cindidas entre idéia e afeto. Desconstruir, polemizar, decompor, enfim, analisar! Não devemos, na construção do conhecimento analítico, assim como na construção do conhecimento científico, acompanhar e guiar nossos pacientes, duvidando do que era antes considerado inquestionável, como o desejo genuíno?

Na busca pela verdade e para a construção de um conhecimento sólido, para Descartes (1641), a primeira coisa que deve ser feita é se retirar o crédito que se dava às antigas crenças e, dessa forma, poder examiná-las com um pouco mais de isenção. Acrescenta ainda que, para que se retire o crédito não é necessário que a proposição seja falsa, antes mesmo, já basta que ela seja dubitável. Esse pensamento converge com a técnica psicanalítica, especialmente no que diz respeito ‘a leitura’ do inconsciente a partir da transferência, contratransferência, sonhos.

Dessa forma, a dúvida como método se torna imprescindível, tanto na construção cartesiana quanto na prática psicanalítica, já que a indubitabilidade deve ser a marca para o reconhecimento da verdade. Assim, a principal dificuldade parece ser justamente estabelecer um critério seguro, que Descartes pretende encontrar como forma de que, de posse dele, não reste nenhuma dúvida com relação ao estabelecimento da verdade, ou seja, um novo critério de distinção entre o verdadeiro e o falso que seja sempre eficiente em realmente distinguir a verdade da falsidade. Para Descartes, somente um princípio capaz de distinguir, acertadamente e de forma indubitável, o verdadeiro do falso pode servir de base para uma ciência, no sentido filosoficamente relevante.

Após essas primeiras distinções podemos, com mais facilidade, acompanhar a argumentação de Descartes no sentido de construir algo de firme e constante nas ciências. Na busca pelo critério que possa desvelar a verdade de forma segura, é que os sentidos, por meio do método da dúvida, serão inicialmente julgados enquanto candidatos a bom critério, já que em parte devido a nossa natureza de seres humanos, são um dos principais produtores de

crença. Assim, a primeira apresentação da dúvida torna a formulação acerca da sensibilidade enquanto critério mais precisa: os sentidos são condição suficiente para que se acredite na verdade de uma proposição?

Porém a dúvida cartesiana não vai permanecer restrita aos sentidos, pelo contrário, vai se ampliando até chegar na sua expansão máxima, que tem como forma a dúvida metafísica que Descartes irá apresentar utilizando-se da figuração de um gênio maligno. O método da dúvida metafísica vem a propósito de encontrar pelo menos uma certeza indubitável que possa servir de base para a reconstrução da árvore do conhecimento, restaurando dessa forma, a possibilidade da ciência.

Winnicott, psicanalista de crianças, preocupado com a qualidade das experiências entre o bebê e sua mãe, indicou como pode ser construída a verdade no sujeito. Foi questionando uma paciente de 35 anos, que Winnicott, abordou o assunto da verdade. “A natureza de sua doença foi tal que ela necessitava não saber a seu respeito [...]” (19--, p. 20). Seus atos falhos e manifestações diversas do inconsciente foram mostrando que a paciente necessitava ter uma personalidade cindida. “[...] ela conseguia ser desonesta e dissimulada sem ter de reconhecer isso. Ela sabia e não sabia.” (WINNICOTT, 19--, p. 20). Os aspectos cindidos puderam ser tratados a ponto da paciente perceber que tudo era ela mesma, essa era sua verdade e que esse seu jeito provinha de uma infância onde a mãe a enganava e não reconhecia que o fazia; e de um pai ausente, também enganado pela paciente, mas uma figura de valor para ela possivelmente em função dessa ausência, presume o autor.

Nesse breve relato de caso, Winnicott mostra os pressupostos básicos de sua teoria sobre a mãe suficientemente boa. Para o autor (1945, 19--; 195-?; 1952, 1956, 1963, 1967) a mãe tem vital importância para seu bebê recém-nascido, pois sua devoção⁴ necessária protegerá o vir-a-ser de seu filho. A mãe, segundo Winnicott (1956), é a pessoa mais adequada para cuidar do seu bebê, única a conseguir atingir o estado de preocupação materna primária sem adoecer e, assim, fornecer um contexto adequado para que a constituição da criança tenha espaço para se manifestar, seu desenvolvimento aconteça, os movimentos espontâneos surjam e a criança se torne dona das suas sensações.

⁴ Winnicott usa o termo devoção significando uma preocupação materna primária da mãe para com seu filho. É um “[...] estado de sensibilidade exacerbada, quase uma doença [...]” (WINNICOTT, 1956, p. 401), mas que a mãe consegue recuperar-se a medida que o bebê a libera. Nessa adaptação sensível, a mãe é ativa na satisfação das necessidades de sua criança que, no início, são absolutas. (WINNICOTT, 1963)

Essa é a normalidade esperada, tornando a criança gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e sua complexidade. “Em círculos cada vez mais abrangentes da vida social a criança se identifica com a sociedade, porque a sociedade local é um exemplo de seu próprio mundo pessoal, bem como exemplo de fenômenos verdadeiramente externos.” (WINNICOTT, 1963, p. 87)

Em consequência desse cuidado suficientemente bom, que integra e independiza o filho, Winnicott (1960) propõe que ele passa a acreditar na realidade externa, fazendo com que, aos poucos, o lactente renuncie sua onipotência⁵ e permita que seu self verdadeiro seja espontâneo e coincida com os acontecimentos do mundo. O bebê, então, estará apto a reagir adequadamente às intrusões do mundo, sendo que “[...] a linha de vida da criança é perturbada muito pouco por reações à intrusão. (Naturalmente, são as reações às intrusões que contam, não as intrusões em si mesmas).” (WINNICOTT, 1956, p. 403). Esses bons cuidados, revela Winnicott (1952, p. 166), “[...] neutralizam a perseguição externa, e previnem os sentimentos de desintegração e de perda de contato entre a psique e o soma.”

Por outro lado, as falhas desse primeiro ambiente tendem a aprisionar o sujeito no desejo materno (narcísico) e promover uma formação de identidade insegura, pois ao invés de amparo, ele fornece códigos errôneos quanto aos seus sentimentos, percepções, desejos, fatos. Winnicott (1945) afirma que falhas maternas, nesse período do desenvolvimento infantil, impedirão a criança de desenvolver a percepção objetiva ou a atitude científica. Sendo assim, o sujeito possivelmente terá falhas de integração primária facilitando a desintegração quando houver algum tipo de regressão ou fracassar algum tipo de defesa, menciona o autor.

Nesse sentido, coube ao bebê ir se desenvolvendo com mecanismos defensivos primitivos para garantir a sobrevivência, como a cisão. Winnicott (1952, p. 311) revela que “[...] nos casos extremos de cisão, a vida interior secreta terá muito pouco do que pertence à realidade externa. Ela é verdadeiramente incomunicável.” Assim, segue o autor, há uma tendência do indivíduo ser seduzido por uma vida falsa; seu instinto acaba se aliando a esse ambiente sedutor. Desse modo, é comum que patologias como as do Falso self se instaurem,

⁵ A mãe suficientemente boa inicialmente alimenta a onipotência do filho e percebe sentido nisso. O self verdadeiro então passa a ter vida, a partir da força dada ao fraco ego por essa complementação pela mãe da onipotência do lactente. (WINNICOTT, 1960)

uma vez que a verdade do sujeito foi atacada, não pôde ser instituída como parte do seu self. A pessoa passa a vida sob o desejo desse ambiente sedutor para se sentir importante, aceito. Esse falso eu, segundo Winnicott (195-?; 1952; 1960) origina-se na mãe não suficientemente boa, que falha em satisfazer o gesto do bebê, substituindo pelo seu gesto, tendo o filho que se submeter a ele. Essa submissão é o início do falso self.

Para que não incorramos nesse mesmo erro materno, devemos estar sempre atentos às necessidades dos nossos pacientes em busca de sua verdade, de seu verdadeiro self. Essa busca pela verdade, exige da relação paciente-analista paciência e bom vínculo terapêutico, capaz de suportar agressões, desconfianças, actings. O paciente submisso tende a ser confuso, diz Winnicott (1960), e isso aparecerá na transferência com o analista, onde tentará irritá-lo. Então, o profissional deve poder ocupar o lugar que o primeiro ambiente não foi capaz de estabelecer: um olhar atento às necessidades do bebê/paciente para construir verdades e destruir, como Descartes também propõe, crenças inverídicas, em busca de verdades sólidas que possam servir de base para construções futuras.

Considerações Finais

A busca pela verdade pressupõe em ir ‘até as últimas consequências’ da investigação, tanto nos constructos cartesianos como Winnicottianos. Enquanto Winnicott se preocupa em instaurar códigos favoráveis que originem a verdade no self, para Descartes o processo de desconstrução é fundamental e somente através dele poderemos alcançar a verdade. Assim, após levar a dúvida até as últimas consequências, Descartes vai finalmente encontrar a primeira verdade indubitável e, em cima dela, reconstruir a possibilidade de conhecimento: ao se propôr a duvidar de tudo o que diz respeito ao pensamento objetivo enquanto possibilidade de que ele represente a realidade formal, ou seja, ao duvidar do conteúdo objetivo do pensamento, torna-se evidente que esse pensamento existe enquanto possuidor de tais conteúdos. Da dúvida então resulta a primeira verdade: existo enquanto ser pensante, ou a famosa frase: Penso logo existo. A desconstrução e a posterior construção expostas ao longo das Meditações, como já foi visto, argumentam em favor da realidade do ser e do mundo.

Essa realidade só é possível, na abordagem winnicottiana, através de um ambiente que promova a estruturação adequada da personalidade, pois dessa maneira o self verdadeiro encontra espaço para existir. Do contrário, a falsidade da personalidade tende a se fazer

necessária para a existência do sujeito. Entretanto, essa está pautada em fragilidades e sofrimento visceral.

Tentando estabelecer um paralelo psicanalítico, a desconstrução e reconstrução dentro de uma análise em busca da verdade mais íntima de cada paciente, pode ser pensada, equiparada à busca cartesiana no seguinte sentido: ao questionarmos cada idéia, cada sentimento ou representação dentro de nossos pacientes, podemos ter acesso a outro mundo, o domínio do Inconsciente.

Guiar os pacientes em busca de sua verdade inconsciente pode permitir que surjam outras verdades na esfera do consciente, que sempre estiveram presentes mas que não eram reconhecidas ou mesmo conhecidas. Assim, o acesso aos conteúdos inconscientes propiciado pela análise, e a companhia de uma guia nessa jornada, através do não conhecimento (analista), permite que verdades individuais sejam resgatadas como o arqueólogo descobre a cidade encoberta, como nos dizia Freud (1937).

Referências

DESCARTES, R. Discurso do método. [1637, ano da 1. ed.]. São Paulo: Martin Claret, 2008.

_____. Meditações sobre filosofia primeira. [1641, ano da 1. ed.]. Campinas: UNICAMP, 2004.

FREUD, S. Construções em análise. [1937, ano da 1. ed.]. In: Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII.

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. [1956, ano da 1. ed.]. In: Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000d.

_____. Ansiedade associada à insegurança. [1952, ano da 1. ed.]. In: Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000b.

_____. Idéias e definições. [195-?, 1. ed. elaborada provavelmente no começo da década de 50]. In: Explorações psicanalíticas. Porto Alegre: Artmed, 1994b.

_____. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. [1963, ano da 1. ed.]. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed, 1983b.

_____. Desenvolvimento emocional primitivo. [1945, ano da 1. ed.]. In: Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000a.

_____. Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro self. [1960, ano da 1. ed.]. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed, 1983a.

_____. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. [1967, ano da 1. ed.]. In: O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. Psicose e cuidados maternos. [1952, ano da 1. ed.]. In: Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000c.

_____. Saber e não-saber: um exemplo clínico. [Sem data. 19--, século provável da 1. ed.]. In: Explorações psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a.